

José Saramago , um prémio Nobel levantado do chão :

uma escrita de subversão na subversão da escrita.

LUÍS MIGUEL OLIVEIRA CARDOSO *



Para mim o mundo é uma espécie de enigma constantemente renovado. Cada vez que o olho estou sempre a ver as coisas pela primeira vez. O mundo tem muito mais para me dizer do que aquilo que sou capaz de entender. Daí que me tenha de abrir a um entendimento sem baías, de forma a que tudo caiba nele.

José Saramago, O Jornal, Janeiro de 1983

A Literatura Portuguesa, qual universo riquíssimo em constelações com mundos e estrelas de criação estética, recebe agora um reconhecimento inequívoco e decisivo.

A Língua Portuguesa, Pátria cultural de autores notáveis espalhados pelas estradas da lusofonia, pode encontrar agora em José Saramago um arauto universal, como o poderia encontrar, também como justo prémio, em muitos outros escritores que mereciam esse galardão, tal é a profusão de possíveis homenageados.

Num mundo em que um reconhecimento público premeia com glória (ainda que fugaz) um vulto das Letras nacionais, é lícito que a cultura de expressão portuguesa se sinta orgulhosa. Mais ainda, como cidadãos e amantes da Cultura Portuguesa, devemos encontrar em Saramago não um autor mas sim um fautor, um verdadeiro arauto, um embaixador dos séculos de labor e criatividade espiritual.

Não se nos afigura fácil tecer algumas singelas considerações relativas a José Saramago, ele próprio uma figura complexa e polémica .

Talvez possamos começar com um episódio elucidativo.

"A Língua é minha, o sotaque é seu". Com esta acutilante e irónica frase respondeu Saramago, numa conferência recentemente realizada no Brasil, a um jovem brasileiro que se manifestou algo confuso dado que não entendia a pronúncia do autor de Memorial do Convento. Serve este simples exemplo para demonstrar que Saramago não se pode identificar com a simplicidade existencial, muito menos com a utilização da nossa Língua, na qual encetou, não sem polémica, caminhos de subversão na escrita aliados à subversão temática.

A vida de José Sousa, Saramago (planta "crucífera e rasteira, que é comestível e cresce sem cultura", segundo Cândido de Figueiredo, e que era comida para afastar a fome) por herança popular ("Saramagos" eram os seus pais, por alcunha, camponeses de Azinhaga, aldeia do concelho da Golegã) começa a 16 de Novembro de 1922. Da casa pobre do Ribatejo vem para Lisboa onde vive em águas-furtadas até aos doze anos, cumpre a instrução primária numa escola da Moraes Soares e dois anos no Liceu Gil Vicente até se iniciar em estudos mais ligados ao trabalho como serralheiro mecânico na escola industrial Afonso Domingues, em Xabregas.

Do ofício de serralheiro passa a desenhador, administrativo e agente de seguros. Tem 22 anos quando se casa e tem a sua filha Violante. Em 1947, a Minerva publica um romance seu, intitulado A Viúva, pelo autor e transformado em Terra de Pecado, pela editora. Torna-se editor literário e só em 1966 surge um livro de poemas do desconhecido Saramago.

Em 1971, inicia a sua vida jornalística no Diário de Lisboa até atingir o lugar de director-adjunto no Diário de Notícias, de onde sairá após o 25 de Novembro.

Os tempos são difíceis e Saramago dedica-se à tradução. Traduz várias obras até que em 1980 produz "Viagem a Portugal" para o Círculo de Leitores, permitindo-lhe a escrita de Levantado do Chão. Na sua vida surgirá depois Pilar del Rio.

Da produção literária de José Saramago decidimos seleccionar apenas uma obra, por imperativos circunstanciais inerentes à actualidade de publicação deste texto, que escrevemos no dia em que a Real Academia Sueca atribuiu o Prémio Nobel da Literatura ao escritor Português. Poderíamos ter escolhido Levantado do Chão, de 1980, título que simboliza, nesta hora, com perfeição, a vida e a produção literária de um autor que conheceu o desalento e a incompreensão mas que soube porfiar, erguendo-se do chão, qual fértil campo espiritual que Saramago cultivou e que neste dia frutificou de uma forma perene. Nesta obra de 1980, Saramago eleva em epopeia a vida dos trabalhadores alentejanos, em três gerações de dor e sofrimento, viajando como narrador (que se trata a si próprio como «o narrador») entre o passado do século XV e o tempo do presente acompanhando Domingos Mau-Tempo, o seu filho João, os seus netos António e Gracinda, casada com António Espada, personagem importante na diegese.

Entre o sofrimento e a esperança, entre a República e a repressão até ao despertar no dia 25 de Abril, o herói quase participa numa gesta que o domina e ultrapassa, vista por um narrador que contempla em alteridade de posição ora com passividade ora com inexorabilidade mas, sem abandonar um processo difícil de escolhas plurais, consegue iniciar um trilho de crítica e sarcasmo numa voz contida que clama em silêncio abafado.

Poderíamos ter escolhido O ano da morte de Ricardo Reis, de 1984, onde a duplicidade do herói que partilha uma vida e uma morte, numa Lisboa revisitada com nitidez de fotografia e com sombras de ficcionalidade fazem lembrar Kafka, pela forma como realidade e aparência se podem aliar numa teia perturbadora que afecta da forma mais singular e inesperada a existência de um simples mortal.

Romance de duplicidade entre Ricardo Reis/Fernando Pessoa, Lúcia/Marcenda, vida/literatura, ficção/realidade, corpo/alma, O ano da morte de Ricardo Reis leva-nos aos acontecimentos que marcaram o final da vida de Reis, em Lisboa, depois de ter regressado do Brasil, após a morte de Fernando Pessoa. O texto surge como documento sócio-histórico desde a contemplação (termo de Ricardo Reis) do ambiente lisboeta às alterações políticas que atingem as personagens, como acontece com Daniel, marinheiro revoltoso do contratorpedeiro Afonso de Albuquerque, que vem a morrer e que mantém uma proximidade afectiva notória com Lúcia.

O estatuto do narrador nesta obra é marcadamente complexo, numa construção narrativa de ficção supra-real, entrelaçando história e ficção, num enigma de identificação supremo em que na personagem principal se revê um país e uma pátria, num labirinto de paredes difusas onde a luz do património cultural se esbate e se endurece nas fronteiras do real.

A nossa escolha poderia recair em *Jangada de Pedra*, de 1986, romance que assenta numa fantástica ruptura da Península em relação aos Pirinéus tornando-a numa verdadeira jangada que no oceano Atlântico se revela como um símbolo.

A viagem desta jangada é um percurso de experiência e aprendizagem, entre o espaço e o tempo, de um enigma que se desvela: o combate ao imobilismo numa errática viagem através de nós mesmos, a notável viagem de um espantado Roque Lozano, o andaluz que quer chegar até à fronteira e verificar a separação, fazendo o percurso de burro. O navegador, na singularidade um símbolo colectivo, na solidão um exemplo de sociedade, uma alegoria da criação, um agente e demiurgo, um peregrino do conhecimento e da interpretação, alternando a luz com a sombra, criando um iberismo de circunstância, fruto da sobrevivência e não de obrigações políticas. Inesquecível é a pergunta de Pedro Orce "O que gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai, (...) como se movem e nos movem constelação, galáxia, sistema solar, sol, terra, mar, península, Dois Cavalos, que nome finalmente tem o que tudo move" à qual José Anaiço responde "Com o homem começa o que não é visível".

Poderíamos ter escolhido o polémico *Evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991, que Óscar Lopes identifica com a utilização da religião oficial que "serve de base a todo um libelo contra a dogmatização do poder político que nos faz ver a verdade sanguinolenta da luta de massas nas suas versões ocidentais de há vinte séculos daquela mentira em que a tragédia comum se carnavalizava" mas decidimos evocar um outro romance de eleição.

Numa entrevista ao jornal *O jornal*, em Janeiro de 1983, Saramago considera-se um homem "atento ao fluxo histórico e com um certo respeito pelas coisas elementares, que são o tempo, o sol, a terra e as pessoas que andam nela" numa atitude entre a escrita, a história e a filosofia que caracteriza o seu pensamento. Dado que "O mundo tem mais para nos dizer do que aquilo que somos capazes de entender", o autor concebe *Blimunda*, de *Memorial do Convento*, como algo inexplicado, mesmo no final, quando o leitor é "posto perante o facto da sua existência e aceita-a ou não. *Blimunda* representa um elemento mágico não explicado".

A concepção de história para o autor passa pela sua visão do tempo que é comparado a um harmónio: "Eu vejo o tempo como um harmónio. Assim como este pode ser estendido ou encolhido, os tempos podem tornar-se contíguos uns dos outros. È como se 1720 tivesse sido ontem, agora mesmo, ali naquele salão". Este juízo é plenamente perceptível ao longo da diegese de *Memorial do Convento* através do qual o reinado de D. João V é recriado quer no domínio do espaço físico quer no domínio sócio-cultural.

Através do título do romance, o tempo é balizado pela construção do Convento de Mafra mas, acima de tudo, pelo encontro e desencontro entre *Blimunda* e *Baltasar*, pois como diz o autor "Considero difícil escrever um romance sem lhe meter uma história de amor, mesmo que se trate de amores infelizes".

Uma das questões corticais neste romance é a fronteira entre a história e a ficção. Saramago não se vê como um escritor histórico mas antes como um autor de uma história na História. O seu argumento traduz-se numa estratégia narrativa que entrecruza três planos relevando o da ficção da História e o do Fantástico em detrimento do plano da História.

Memorial do Convento consegue articular um plano da História (Portugal no século XVIII, durante o reinado de D. João V, com *Autos-de-Fé*, procissão de penitentes, casamento dos infantes...) com um plano da ficção da História (elementos históricos que são moldados pela ficcionalidade transformando, por exemplo, D. João V e a rainha Ana de Áustria em caricaturas e elevando, na edificação de Mafra, um herói colectivo e anónimo – os milhares de trabalhadores) e o plano do Fantástico (construção da *Passarola*, sonho de *Blimunda*, *Baltasar*, personagens ficcionais e *Bartolomeu Lourenço*, figura histórica do tempo).

Neste romance, Saramago transforma Mafra num símbolo do país. Ele próprio o revela na entrevista que temos vindo a citar: "Comecei a ver o país todo como um gigantesco convento cujos limites nem sequer

eram as fronteiras do que é hoje Portugal, porque se prolongavam por dentro das pessoas". Com este pensamento, é nítida a utilização de um narrador com características peculiares.

O narrador apresenta uma natureza multimodal. As suas vozes múltiplas e a dificuldade de distinção entre a sua voz e a das personagens são ainda factores ancilares se prestarmos atenção ao distanciamento/aproximação em relação aos acontecimentos narrados com ironia e humor. O narrador assume o papel de comentador e de crítico não se furtando a uma relação de cumplicidade com o narratário, utilizando a primeira pessoa do plural propiciando a este uma atitude de análise e de crítica relativamente ao tempo representado e o seu próprio tempo de enunciação.

O autor, na linha da inovação e no caminho da subversão, consegue criar um ritmo de escrita que lembra a poesia, conjugando enumeração, comparação e metáfora, introduzindo aforismos, provérbios e ditados, recriando o uso da pontuação, usando marcas do discurso oral, construindo efeitos irónicos e humorísticos e entrelaçando o seu discurso com outros discursos literários (como o de Camões) e jogos de conceitos típicos do Barroco.

A escrita de Saramago integra-se nos novos caminhos do romance em Portugal nos últimos anos tendo sabido recriar os caminhos do Fantástico. Em *Memorial do Convento*, a vertente fantástica, não sendo instituída como referência isotópica primordial, funciona pela oposição ao mundo retratado, como elemento fundamental. Tal como já referimos, no romance, a realidade histórica encontra-se enleada nas teias da ficção e mais concretamente no fantástico quando factos conhecidos pelo leitor são cruzados com elementos meta-empíricos, como o ânimo que dá ao homem a possibilidade de voar e o jejum que comunica à filha da feiticeira a capacidade de vislumbrar o interior dos humanos. O fantástico torna-se em Saramago "um modo de exacerbar a atenção sobre a terra portuguesa, sobre as suas demasias e os seus golpes", na opinião de Maria Alzira Seixo.

Saramago tem em mente colocar em contacto e em confronto o ser e o tempo, não se furtando a que os seus livros tenham sido vistos como romances históricos apesar de o não serem de facto numa perspectiva exclusivamente literária. Na verdade, o autor realiza um movimento inverso àquele que é típico do romance histórico: em vez de levar o presente até ao passado reconstituindo-o fielmente, invoca o passado com estratégias discursivas peculiares suportadas frequentemente pela ironia de modo a conseguir atingir a memória com um olhar do presente. Como nos diz Maria Alzira Seixo em *A Palavra do Romance*: "...o que de menos se pode acusar a obra de José Saramago é de que ela seja «passadista», pois nela justamente tem o passado uma função, diríamos «brechtiana», de crítica ao presente, e por isso é formada de romances donde a contemporaneidade como preocupação e como temática nunca anda ausente. Aliás ele consegue, de modo ímpar na nossa actual ficção, que o seu discurso romanesco seja atravessado pela História, produzindo um tipo de linguagem onde o passado objectual se contamina pelo presente crítico e perspectivante, utilizando já deste modo um processo de autonomia pela sinalização textual que pratica no discurso romanesco..." .

Saramago estabelece uma curiosa relação entre o passado e o presente constituindo um exemplo de metaficção historiográfica, num exercício inovador de escrita do "romance histórico".

A subversão na escrita deste novo romance histórico não parece muito visível na elaborada reconstituição que o autor institui nas páginas de *Memorial do Convento*. À vista desarmada, o escritor embrenha-se com perfeição e minúcia na recuperação fidedigna de quadros sociais, rica em detalhe e visivelmente natural, à qual não é estranha a atitude barroca na linguagem, utilizada como ponte imagética.

A diferenciação relativamente à tradição do romance histórico é mais nítida no estatuto do narrador e nas funções das personagens. Quanto ao primeiro aspecto, notamos a existência de um narrador que acompanha a acção, comenta e critica, em omnisciência, que usa o aforismo ou a profecia levando o leitor a incorporar-se no texto numa dialéctica activa entre passado, presente e futuro, na qual ele é guia e consciência.

As personagens são alvo da análise objectiva até à exposição do estatuto fictício e de inverosimilhança numa mistura de realista e ficcional, que é apresentada ao leitor revelando a metaficção histórica.

Outra subversão na escrita prende-se com a utilização do anacronismo que Georg Lukács considera necessário na objectividade do romance histórico, em aproximação do passado com o presente do leitor. Em *Memorial do Convento*, o narrador utiliza o anacronismo em comentários e críticas estabelecendo um paralelo entre o passado e o presente, levando a que elementos actuais se incorporem no passado como acontece com o comentário "diríamos hoje de gala" quando se refere a um uniforme.

A reconstrução do romance histórico em Saramago tem na personagem, como já indicámos, outro exemplo de subversão. Na tradicional ordenação das personagens do romance histórico, podíamos encontrar o protagonista-tipo, representante das evoluções do momento histórico-social e as figuras históricas típicas. Estes elementos são a antítese em Saramago.

A personagem neste autor é excêntrica e singular. Destaca-se pelo insólito e pela diferença, como Baltasar e os seus poderes sobrenaturais ou Blimunda... Por outro lado, o colectivo dos trabalhadores de Mafra, porventura esquecidos num romance histórico tradicional, são elevados pela diferença ao centro das atenções na narrativa, numa nítida intenção de valorização.

Blimunda é uma personagem que se destaca pela dinâmica que imprime à acção e pelas suas facetas peculiares: em jejum, consegue ver "por dentro" pessoas e objectos, numa combinação do popular, do fantástico e do fictício.

O padre Bartolomeu Lourenço é o oposto do clero da época: académico e intelectual que tem dúvidas, é um inventor que sonha com uma máquina fantástica.

A subversão conhece o seu grau mais elevado no tratamento das grandes figuras históricas. Ao contrário do que acontece no romance histórico de Scott e Tolstói onde Maria Stuart, Luís XI ou Kutusov são figuras inesquecíveis de recorte epocal, pessoal e humano, em Saramago as figuras históricas perdem a sua grandeza histórica e são pintadas com as cores da caricatura. São exemplos máximos o rei e a rainha, meros instrumentos da necessidade nacional em produzir um herdeiro.

A subversão é ainda transgressão na forma de tratamento das personagens Baltasar e Blimunda que assumem, no fundo, o centro do romance ao contrário do que o leitor poderia esperar a partir das páginas iniciais, nas quais Mafra e o casal real se perfilam como núcleo da narrativa.

A relação entre Baltasar e Blimunda está fora de todos os códigos, nomeadamente os sociais da época tornando-se este par um símbolo da transgressão e de mensagem para fora do seu tempo e para todos os tempos. O casal é instituído em comunhão com o universo numa ligação amorosa ilícita e desviante, sem cânone ou regra de época, alcançando num espaço sem igual uma perfeição que não é deste mundo. Como nos diz Teresa Cristina Cerdeira da Silva em *José Saramago: Entre a História e a Ficção – Uma Saga de Portugueses*: "Em ambos há como a experiência mágica do conhecer, suprema transgressão dos códigos habituais de acesso ao outro e ao mundo que consiste, como Blanchot caracteriza a aspiração do poeta, numa busca de uma «linguagem imaginária e linguagem do imaginário, aquela que ninguém fala, murmúrio do incessante e do interminável ao qual é preciso impor silêncio, se se quer, finalmente, ser compreendido». Integração no silêncio e continuidade cósmica, pois Baltasar e Blimunda, se casados não foram, baptizados o são com «baptismo de padre» que, embora não seguisse o rito canónico, atribuiu-lhes novo nome, identidade cósmica, projecção no universo, cujas leis também confundem, transgridem, para recriá-las novas, onde luas e sóis convivem em harmónica união."

Este magnífico romance é mais uma prova do exercício literário de subversão na escrita transformado em escrita de subversão. A inovação e a transfiguração dos processos narratológicos abre-nos os sentidos para uma consciência nova em níveis existenciais e literários. A subversão em Saramago é um processo de renovação traduzido no *Memorial do Convento* num conjunto de transformações estruturais e

estilísticas que Maria Alzira Seixo sintetiza com perfeição nas linhas que se seguem e que merecem pelo conteúdo o nosso pectado de extensão: "Memorial do Convento é a objectualização verbal orgânica de (...) vectores éticos e estéticos, e nele teremos de salientar como pistas de estudo mais importantes: a construção narrativa, dupla e alegórica; os ambientes sociais particularizados; a admirável capacidade descritiva; a evocação fiel e impressiva do Portugal setecentista; o conhecimento dos meios cortesão, eclesiástico e popular; a emergência de um narrador que hesita entre as capacidades totais de demiurgo e a cumplicidade reduzida com o leitor; a intencionalidade poética; a tendência moralizante e justiceira, conjugada com a frequência do aforismo popular; a temática da construção, da obra, da ascensão, do sonho, do poder e do desejo."

A inovação em Saramago transforma-se mais uma vez em subversão na escrita quando caracterizamos o seu estilo. O autor cria um ritmo novo, com ousadas supressões de marcas gráficas nos diálogos, substituições de pontos finais por vírgulas num exercício multiplicado, criando uma leitura contínua e sem paragens, em suspensão quase de alma. As pausas são medidas e escolhidas com exactidão semântica contribuindo para a instituição de "uma espécie de olhar ou voz original que de longe (e paradoxalmente do futuro, sabia já de tudo)e comanda o acontecer e o seu sentido, ou o vê desenrolar-se sem perplexidades demasiadas, apenas algumas doloridas nostalgias ou breves contentamentos, ou melhor o ouve transcorrer no seu incerto labor de som contínuo que o Tempo acerta nos desajustamentos que motivam as acções, longa e constante viagem essa, a da vida, a nossa, a do texto", como observa Maria Alzira Seixo.

Numa palavra, José Saramago procura no texto uma resposta ao vazio que pode ser a vida se não for iluminada por uma centelha cósmica de verdade e merecimento de felicidade. Como nos revela Saramago em Cadernos de Lanzarote – V, no dia 14 de Outubro, recebera uma chamada de Dario Fo, galardoado com o Prémio Nobel, e que lhe dizia: "Sou um ladrão, roubei-te o prémio. Um dia será a tua vez. Abraço-te". Comentou então com Pilar: "Suponho que uma coisa assim nunca terá acontecido na história deste prémio...". A sua companheira respondeu-lhe: "Não há que perder a confiança na generosidade humana...".

Sábias palavras onde ecoam os valores mais nobres que devem sempre ressoar no nosso espírito.



José Saramago, caricatura de António